

## Parcerias para inovação com comunidades de povos tradicionais e suas contribuições para desenvolvimento de capacidades

**SIMONE VASCONCELOS RIBEIRO GALINA**

ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO USP - ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**RENATA CHAVES**

FEA-RP/USP - FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DE RIBEIRÃO PRETO DA USP

### Introdução

Com a busca pelo desenvolvimento sustentável, houve um aumento em parcerias formadas entre diferentes organizações (empresas, institutos, universidades e comunidades de povos tradicionais). A criação de vínculos com comunidades tradicionais está relacionada ao auxílio no desenvolvimento sustentável, no empoderamento e na capacitação em diferentes formas de apoio, já que é inegável o valor dessas comunidades para preservação do patrimônio material e imaterial a partir da utilização de conhecimento indígena em práticas de produção sustentável do ponto de vista ambiental e social.

### Problema de Pesquisa e Objetivo

Parcerias para inovação entre organizações levam ao desenvolvimento de capacidades; e a relação de organizações e comunidades tradicionais são capazes de construir parcerias ao longo do tempo. A partir dessas duas premissas, surge a pergunta: As parcerias para inovação entre organizações e comunidades geram capacidades? Assim, o objetivo deste artigo é realizar revisão sistemática com o intuito de compreender na literatura se há o desenvolvimento de capacidades a partir das parcerias para inovação entre organizações e comunidades tradicionais.

### Fundamentação Teórica

É essencial que organizações desenvolvam capacidades para gerenciar e criar inovação. A capacidade de inovação pode ser vista como a capacidade de absorver, adaptar e transformar conhecimento ou tecnologia em rotinas específicas de gerenciamento, operações e transações que podem levar uma empresa a obter desempenho tecnológico e econômico. O conhecimento indígena é o conhecimento local que é único para uma determinada cultura ou sociedade para a tomada de decisões em agricultura, saúde, preparação de alimentos, educação, gestão de recursos naturais e outras atividades da vida em comunidades.

### Metodologia

O método utilizado foi o de revisão sistemática da literatura e para um melhor entendimento, foi feita uma análise bibliométrica dos artigos encontrados. Elaborou-se um levantamento de dados na data de 21/07/2023, sem limite de ano de publicação, empregando termos distintos, com o objetivo de avaliar os estudos que façam a integração entre os campos das teorias, parcerias, inovação e conhecimento indígena/tradicional. Após as buscas nas bases WOS e Scopus, os artigos foram importados nas ferramentas Bibliometrix para análise dos dados e analisados em profundidade para extração de conteúdo.

### Análise dos Resultados

As colaborações com as comunidades tradicionais permitem a capacidade de identificar, assimilar e explorar o conhecimento indígena, trazendo benefício para seus vários parceiros como universidades, organizações, governos, setor privado e ONGs, permitindo suas expansões de capacidades efetivas em aspectos socioambientais e em melhorias inovativas. Realizou-se uma categorização dessas áreas beneficiadas com as parcerias interorganizacionais com comunidades: gerenciamento de recursos ambientais, técnicas agrícolas e piscicultoras, programas de sustentabilidade, empreendedorismo e economia.

### Conclusão

A integração dessas áreas de conhecimento ainda não é estudada por densas redes de pesquisa e existe uma escassez de publicações envolvendo comunidades tradicionais como objeto de estudo para as áreas de ciências sociais aplicadas. Os resultados da revisão de literatura mostraram que as parcerias colaborativas com comunidades proporcionam inovações para diversas organizações em diferentes áreas a partir da capacidade de absorção dos conhecimentos indígenas; segundo, essas parcerias também podem gerar capacidades de inovações tecnológicas e de processos para as comunidades.

### Referências Bibliográficas

ODS/ONU: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas em Brasil. Disponível em: . Acesso em: 24 ago. 2023; ATHAYDE, Simone et al. Reconnecting art and science for sustainability: learning from indigenous knowledge through participatory action-research in the Amazon. *Ecology and Society*, 2017; ZAHRA, Shaker A.; GEORGE, Gerard. The net-enabled business innovation cycle and the evolution of dynamic capabilities. *Information systems research*, v. 13, n. 2, 2002;

### Palavras Chave

Parcerias para inovação, Comunidades de povos tradicionais, Capacidades

# PARCERIAS PARA INOVAÇÃO COM COMUNIDADES DE POVOS TRADICIONAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, com a busca pelo desenvolvimento sustentável, houve um aumento do número de parcerias formadas entre diferentes organizações como empresas, institutos de pesquisa, universidades e comunidades de povos tradicionais (FARIAS, 2007). O crescente interesse dessas organizações pela criação de vínculos com comunidades tradicionais está relacionado ao objetivo de que elas pudessem auxiliar no desenvolvimento sustentável, na capacitação, no empoderamento e em diferentes formas de apoio (OLAVE; AMATO NETO, 2001), já que é inegável o valor dessas comunidades para preservação do patrimônio material e imaterial a partir da utilização de conhecimento indígena em práticas de produção sustentável do ponto de vista ambiental (preservação do meio ambiente) e social (preservação da cultura). Tal estratégia vem como uma forte ferramenta para ajudar no cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) promovidos pela ONU, como exemplo a meta 11.4 de “Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo”. É avaliado que, se não houver o apoio das organizações, principalmente em países subdesenvolvidos, a meta de 2030 poderá não ser alcançada. O engajamento precisa ser global, amplo e irrestrito, contando com a adesão das nações, empresas, organizações sociais e indivíduos (ONU, 2019).

Essas parcerias têm se mostrado benéficas na formação de bases nas cadeias produtivas para as organizações, tanto no meio local, quanto global (BOLIS; SIGAHI, 2020). A relação vem gerando um valor determinante para as organizações e estão sendo associadas de uma forma direta à questão da sustentabilidade ambiental, com iniciativas que são medidas pelo cuidado com o meio ambiente e com os habitantes locais (BOLIS; SIGAHI, 2020). Essas iniciativas têm aumentado a criação de valor fruto do conhecimento indígena, baseado em observações e experiências acumuladas ao longo do tempo, sendo esse conhecimento significativo para a gestão ambiental sustentável das organizações (GADGIL *et al.*, 1993).

Para que ocorra ainda a sustentabilidade social refletida no bem-estar dos povos de comunidades tradicionais, é preciso que as parcerias sejam também economicamente sustentáveis para eles, e a inovação é uma forma pela qual as comunidades podem sustentar ou melhorar suas práticas de produção, os seus bens de capital, meios de subsistência, e manter a resiliência (DOUTHWAITE *et al.*, 2009). Promover a capacidade inovadora significa que as comunidades se tornam melhores na antecipação e resposta às tensões, aos choques e às oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias e instituições (DOUTHWAITE *et al.*, 2009).

Isso porque sabemos que os ambientes de negócios competitivos e mercados mutáveis exigem que as organizações alavanquem seus recursos e competências e, estrategicamente, usem relacionamentos interorganizacionais para complementar essas competências (DYER; HATCH, 2006; SOBRERO; ROBERTS, 2002). As colaborações estratégicas (FAEMS; LOOY; DEBACKERE, 2005) por meio de alianças e parcerias (EMDEN *et al.*, 2006) trazem vários benefícios, permitindo o aprendizado e possibilitando aumentar suas capacidades de inovação. A partir disso, o papel das parcerias para apoiar as organizações na busca e aquisição de novas competências ou explorar as existentes tem sido amplamente analisada na literatura (EMDEN *et al.*, 2006). As organizações podem criar relacionamentos com novos parceiros para aumentar o aprendizado e melhorar as capacidades de exploração (BAUM *et al.*, 2001; BECKMAN *et al.*, 2004). As colaborações com parceiros aumentam a base de conhecimento e podem favorecer atividades de aprendizagem e desempenho em inovação (FRANCESHELLI *et al.*, 2018). A inovação colaborativa refere-se à cooperação entre organizações que possuem recursos inovadores complementares e capacidade de melhorar o desempenho por meio da

integração de recursos e habilidades (MISHRA; SHAH, 2009; UN *et al.*, 2010). Existem diferenças significativas entre os tipos de parceiros que podem determinar a forma como a colaboração é gerida e o tipo de inovação que pode ser alcançada (WHITLEY, 2002). Isso porque o conceito de inovação é amplo, podendo significar invenções científicas, patentes, avanços tecnológicos, ou mesmo uma nova maneira de fazer as coisas, objetivando gerar benefícios para organizações e seus stakeholders, como clientes, fornecedores, governos, comunidades, ou mesmo para o bem geral da humanidade (LEE, 2012). Independente do tipo de inovação, as alianças podem melhorar sua eficácia, eficiência e adoção para competitividade organizacional por meio da construção de confiança, sustentabilidade e extensibilidade, além de poder ajudar a reduzir as incertezas (DODGSON, 2014).

Dessa forma, entende-se que parcerias para inovação entre organizações levam ao desenvolvimento de capacidades e que organizações e comunidades tradicionais são capazes de construir parcerias ao longo do tempo, compartilhando e absorvendo conhecimentos relevantes e aplicando-os de diferentes formas. A partir dessas duas premissas, surge a pergunta: As parcerias para inovação entre organizações e comunidades geram capacidades? Assim, o objetivo deste artigo é realizar revisão sistemática com o intuito de compreender na literatura se há o desenvolvimento de capacidades a partir das parcerias para inovação entre organizações e comunidades tradicionais. A partir deste objetivo, o estudo contribuirá com um avanço na literatura sobre a relevância dessas parcerias e se existe a criação de capacidades a partir delas, isso porque há uma escassez de conhecimento sobre essa temática, já que a literatura em parcerias para inovação é majoritariamente focada em organizações voltadas para o desenvolvimento econômico (como empresas), ou ainda, orientadas para relações interorganizacionais visando impactos econômicos da inovação.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Parcerias para inovação e para desenvolvimento de capacidades**

Criação e aprendizagem do conhecimento (ou a capacidade de aprender) são fundamentais para a vantagem competitiva das organizações. Há muito se analisa o impacto da parceria na aprendizagem, criação de conhecimento e inovação (AMIN; WILKINSON, 1999). Estudiosos têm focado em alianças que são intensivas em conhecimento, como alianças de P&D, novos produtos, ou alianças de desenvolvimento (KUMAR; NTI, 1998), e provou-se através delas, uma variedade de benefícios para as organizações participantes (RINDFLEISCH; MOORMAN, 2001). As empresas podem recorrer à colaboração por diferentes razões objetivando criação de valor, seja para acessar conhecimento dos parceiros, para adquirir conhecimento dos parceiros, ou para criar conjuntamente (ou seja, coproduzir) novos conhecimentos por meio da interação organizacional (CAPALDO; PETRUZZELLI, 2011).

Combinar o conhecimento dos parceiros aumenta significativamente o potencial inovador da aliança, e daí a capacidade das organizações aliadas de co-produzir conhecimento novo (CAPALDO; PETRUZZELLI, 2011). A capacidade refere-se aos recursos específicos da organização, geralmente intransferíveis e embutidos em habilidades e experiências, cujo objetivo é aumentar a eficiência dos outros recursos da empresa (MAKADOK, 2001), refere-se aos recursos organizacionais como os fatores que levam à vantagem competitiva e à melhoria do desempenho nas organizações (ZAWISLAK *et al.*, 2012), ou seja, a capacidade de transformar continuamente conhecimento e ideias em novos produtos, processos e sistemas para o benefício da empresa e de seus stakeholders (LAWSON; SAMSON, 2001). A inovação é fonte fundamental para o sucesso e a sobrevivência da empresa (ABBING, 2010), por isso, torna-se essencial que elas desenvolvam capacidades organizacionais para gerenciar e criar

inovação no longo prazo (FRANCO; LANDINI, 2022), o que tem sido denominado na literatura de capacidade de inovação.

A capacidade de inovação pode ser vista como aquela que abrange a capacidade de absorver, adaptar e transformar um determinado conhecimento ou uma determinada tecnologia em rotinas específicas de gerenciamento, operações e transações que podem levar uma empresa a obter desempenho tecnológico e econômico, ou seja, inovação (RAJAPATHIRANA; HUI, 2018). Por esta razão, a capacidade de inovação é o componente mais necessário para desenvolver resultados eficazes dentro da empresa para permitir a aplicação de recursos e transformação contínua de conhecimento (RAJAPATHIRANA; HUI, 2018). No desenvolvimento dessa capacidade de inovar, ou seja, de transformar continuamente recursos e processos existentes em novos produtos, processos, habilidades de gestão ou de transação comercial (ZAWISLAK *et al.*, 2012), as relações interorganizacionais com variados parceiros pode ser relevante. Isso é esperado porque o desenvolvimento de capacidades ocorre ao longo do tempo através de interações complexas entre os recursos da empresa (WANG, AHMED, 2007), incluindo também interações com agentes externos para absorção de conhecimento (COHEN, LEVINTHAL, 1990).

### **2.3 Comunidades Tradicionais e Conhecimento Indígena**

Comunidades de povos tradicionais são definidos como grupos culturalmente diferenciados que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

O termo Conhecimento Indígena (CI) não se limita apenas aos povos indígenas, mas a todas as comunidades que desenvolveram sua própria estrutura de conhecimento ao longo de gerações, por isso também é chamado de conhecimento tradicional. CI é o conhecimento local que é único para uma determinada cultura ou sociedade de forma a base para a tomada de decisões em nível local em agricultura, saúde, preparação de alimentos, educação, gestão de recursos naturais e uma série de outras atividades da vida em comunidades. Ele fornece estratégias de solução de problemas para as comunidades e comumente mantidas pelas comunidades e não pelos indivíduos. É um conhecimento tácito, difícil de codificar, embutido em práticas comunitárias, instituições, relacionamentos e rituais (WARREN, 1992).

O CI é armazenado nas memórias e atividades dos povos tradicionais, expressado na forma de histórias, canções, folclore, provérbios, danças, mitos, valores culturais, crenças, rituais, leis comunitárias, língua local, práticas agrícolas, equipamentos, materiais, espécies vegetais, raças animais etc. Ele é compartilhado e comunicado de forma oral, por exemplos específicos e por meio da cultura. Seus meios de comunicação e organização são vitais para os processos de tomada de decisão em nível local e para preservar, desenvolver e difundir a sustentabilidade (GRENIER, 1998). A pesquisa sobre o conhecimento indígena tradicional entre comunidades ao redor do mundo documenta diversos mecanismos sociais que apoiam a sustentabilidade natural, uso e gestão de recursos, bem como a dinâmica natureza fluida e móvel dos sistemas de conhecimento local em contextos contemporâneos à medida que os povos tradicionais se adaptam condições de mudança (ZENT, 2009; ATHAYDE *et al.* 2017). Logo, neste trabalho é defendida a seguinte proposição: Parcerias para inovação com comunidades tradicionais geram desenvolvimento de capacidades.

## **3. METODOLOGIA**

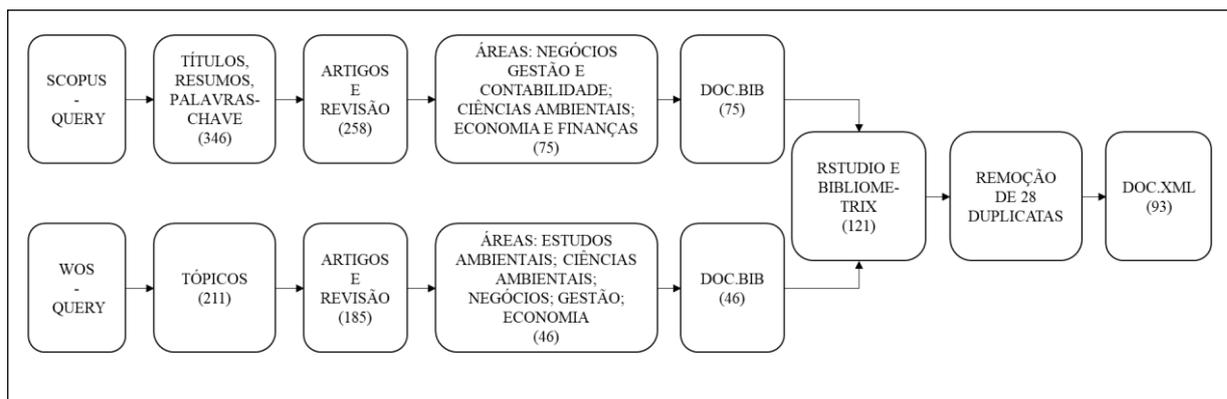
Para responder à pergunta de pesquisa, ou seja, se as parcerias para inovação entre organizações e comunidades geram capacidades, o método utilizado foi o de revisão sistemática da literatura (SLR) baseada em Tranfield *et al.* (2003). Ele foi escolhido por ser um método que possibilita coletar, selecionar e analisar criticamente os estudos, estruturando os achados usando um modelo de categorização. Uma revisão sistemática de literatura começa por esclarecer os limites conceituais dos termos-chave e oferece várias vantagens: (1) fornece um conjunto de etapas que podem ser duplicadas para garantir a validade de uma revisão e (2) ajuda a sintetizar e analisar sistematicamente o conhecimento acumulado (KRAUS *et al.*, 2020). Para um melhor entendimento, também foi realizada uma análise bibliométrica dos artigos encontrados, ela foi utilizada por consistir em uma técnica quantitativa que avalia, mapeia e gera indicadores estatísticos sobre a literatura e lacuna do tema abordado (GUEDES; BORSCHIVER, 2005).

Elaborou-se um levantamento de dados na data de 21/07/2023, sem limite de ano de publicação, empregando termos distintos, com o objetivo de avaliar os estudos que façam a integração entre os campos das teorias, parcerias, inovação e conhecimento indígena/tradicional. A base de dados SCOPUS foi pesquisada com a query: (partnership OR cooperation OR association OR collaboration OR alliance OR union OR compact OR co-partnership OR affiliation OR relationship OR fellowship OR connection) AND innova\* AND ("low income communit\*" OR "riverside communit\*" OR "quilomb\* communit\*" OR "indigen\* communit\*" OR "indigen\* knowledge" OR "traditional communit\*") para títulos, resumos e palavras-chaves. A busca resultou em 346 artigos. A pesquisa limitou-se ao tipo de documento “Artigo” e “Revisão”, totalizando 258 documentos, e às áreas temáticas “Negócios, Gestão e Contabilidade”, “Ciências Ambientais”, “Economia e finanças”. Foram encontrados 75 artigos.

A base de dados do Web of Science foi pesquisada com a mesma query em tópicos. A busca resultou em 211 artigos. A pesquisa limitou-se ao tipo de documento “Artigo” e “Revisão”, totalizando 185 documentos, refinou-se as temáticas “Estudos Ambientais”, “Ciências Ambientais”, “Negócios”, “Gestão”, “Economia”. Foram encontrados 46 artigos. Os outros artigos que não entraram para o estudo eram em sua maioria das áreas de Ciências Sociais, Medicina, Agricultura e Ciências biológicas em ambas as bases.

Após as buscas, o próximo passo da revisão sistemática ocorreu com a utilização da ferramenta Bibliometrix, ferramenta desenvolvida em R. Os 75 artigos foram exportados do SCOPUS e os 46 artigos do WEB OF SCIENCE, ambos em formato doc.bib e importados para o software RStudio com o Bibliometrix. Após a conversão do arquivo no programa e a remoção de 28 duplicatas, ele foi exportado no formato doc.xml, resultando em uma planilha com 93 artigos, conforme Figura 1. O próximo passo foi feito com a ferramenta Biblioshiny. O arquivo doc.xml foi importado para o programa, fornecendo dados estatísticos como fontes mais relevantes, crescimento da fonte, autores mais relevantes, palavras mais citadas, produção por ano e produção por país.

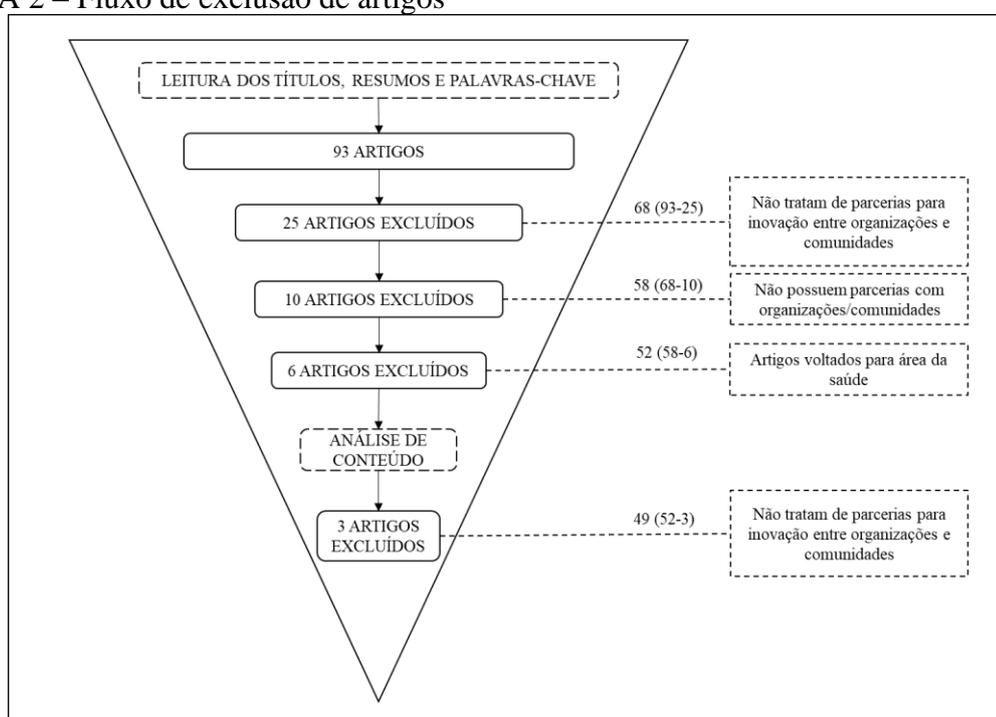
FIGURA 1 – Fluxo de seleção de artigos para a amostra



Fonte: Autoras (2023)

Realizou-se então a revisão dos 93 artigos. Após leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foram excluídos 41 artigos que não conciliavam com o objetivo do estudo, conforme indicado na Figura 2. Todos os 52 artigos foram analisados em profundidade com intuito de verificar as capacidades a partir das parcerias para inovação entre comunidades tradicionais e outras organizações. Após as leituras dos 52 artigos, 3 ainda foram excluídos por não falarem sobre inovação a partir das parcerias entre organizações e comunidades, restando 49 documentos. Foram destacados os campos de objetivo, resultados, contribuições/implicações teóricas e práticas e conclusões, para definição dos seguintes critérios: objetivo da pesquisa; tipos de parcerias, resultados de inovação e quais benefícios em termos de capacidades foram gerados. Isso possibilitou um entendimento generalizado das abordagens de pesquisa na área.

FIGURA 2 – Fluxo de exclusão de artigos



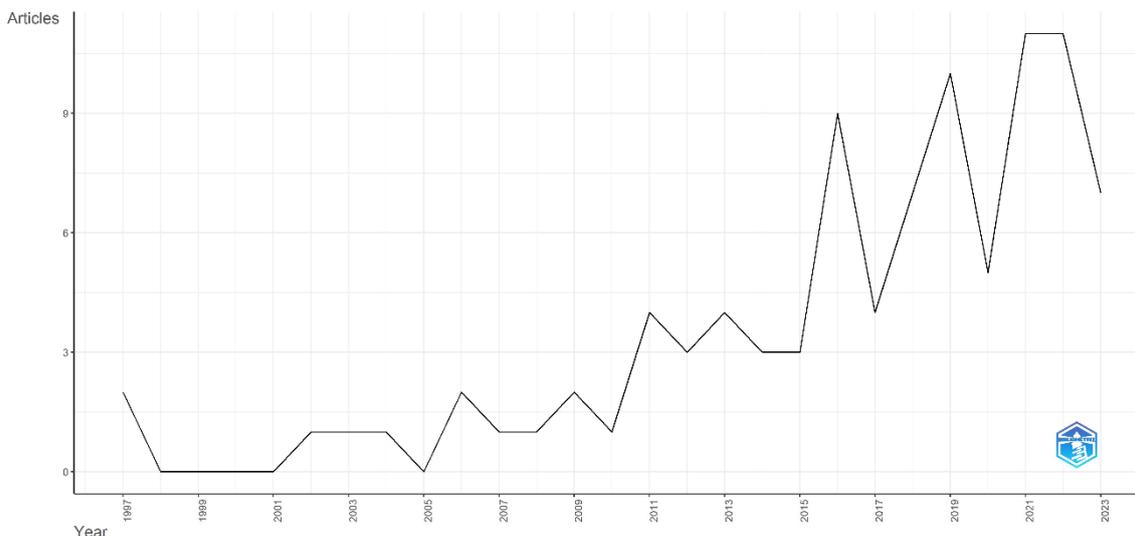
Fonte: Autoras (2023)

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Análise Bibliométrica

Os 49 artigos selecionados para esta pesquisa mostram que os primeiros estudos referentes às parcerias, inovação e comunidades tradicionais são de 1997 e há, como previsto, uma evolução significativa do número de artigos ao longo dos anos até 2023. Essa concentração acentuada pode ser visualizada entre os anos de 2015 a 2023, o que demonstra maior interesse no tema abordado nos últimos 8 anos (Figura 3).

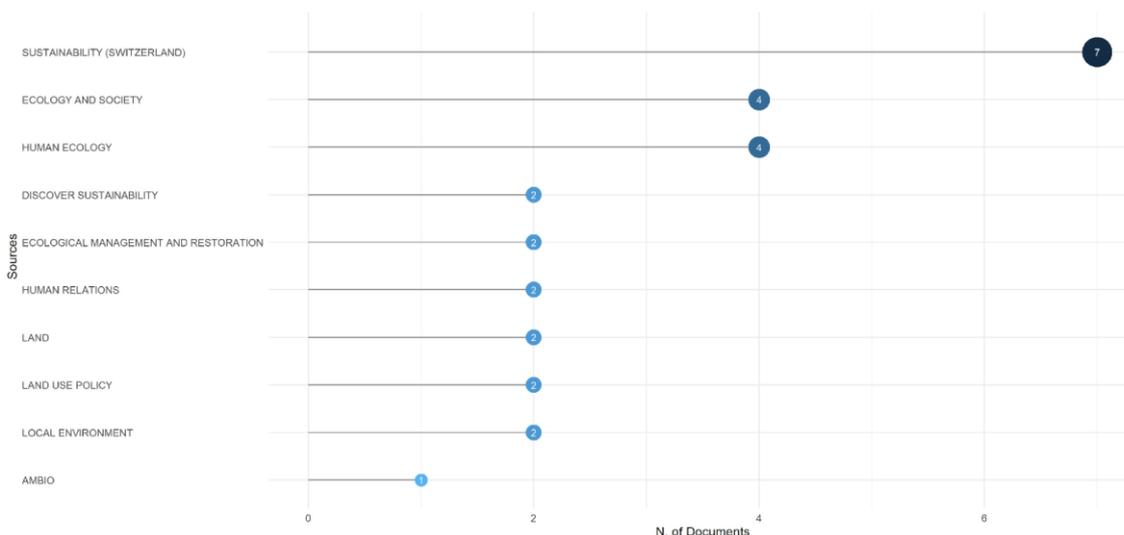
FIGURA 3 - Publicações por ano dos trabalhos analisados



Fonte: Autoras (2023)

Ao analisarmos a quantidade de artigos publicados em cada revista, podemos observar que os maiores números de publicações estão nas revistas Sustainability (Switzerland) com 7 publicações, Ecology and Society com 4 e Human Ecology também com 4, possibilitando demonstrar o avanço nos trabalhos voltados para temáticas de sustentabilidade e ecologia (Figura 4). Vale destacar que, dentre as 10 revistas que mais publicaram os artigos da amostra, nenhum é da área de gestão da inovação.

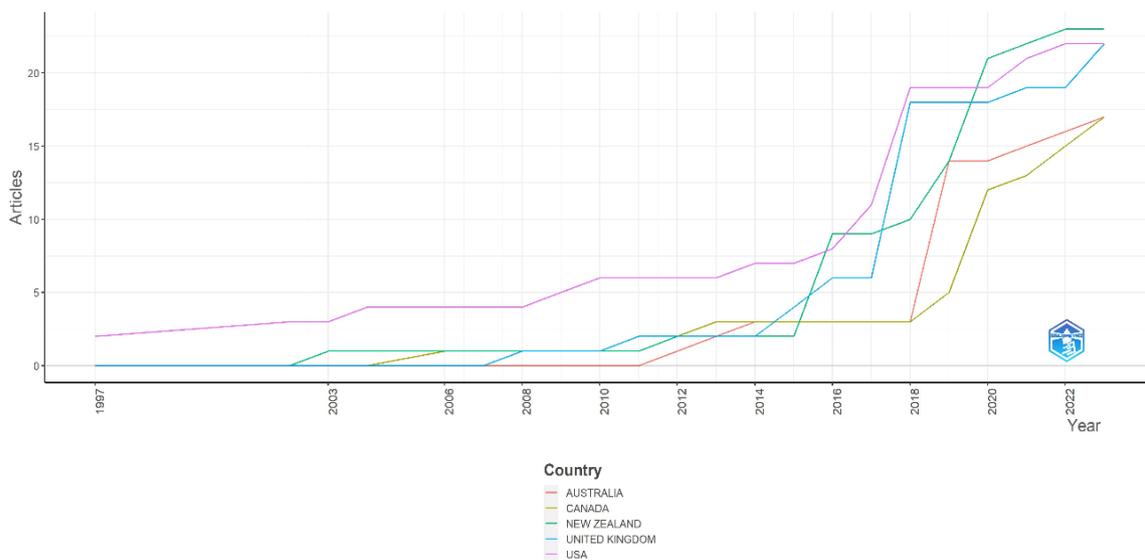
FIGURA 4- Revistas mais relevantes



Fonte: Autoras (2023)

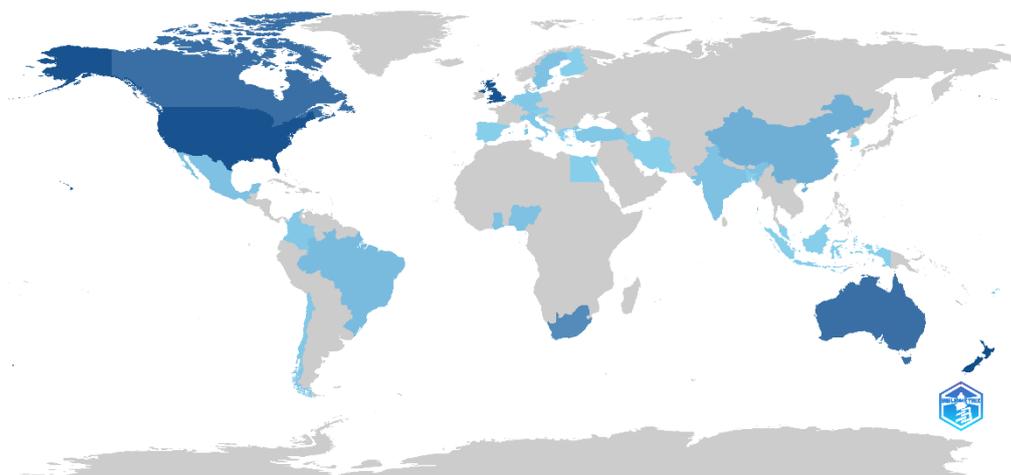
A partir da análise das produções das amostras por países de autoria ao longo dos anos (Figura 5), pode-se observar que o interesse crescente por estudar o fenômeno de parcerias, inovação, conhecimento indígena e comunidades tradicionais estão concentrados em países como Nova Zelândia (23), Estados Unidos (22), Reino Unido (22), Austrália (17), e Canadá (17). As demais publicações mais relevantes foram em países como (Figura 6): África do Sul (13), China (6), Brasil (4) Índia (3), México (3), Nigéria (3) e Suécia (3), Itália (2), Alemanha (2), Turquia (2), Chile (2) Colômbia (2).

FIGURA 5 – Produção por país ao longo do tempo



Fonte: Autoras (2023)

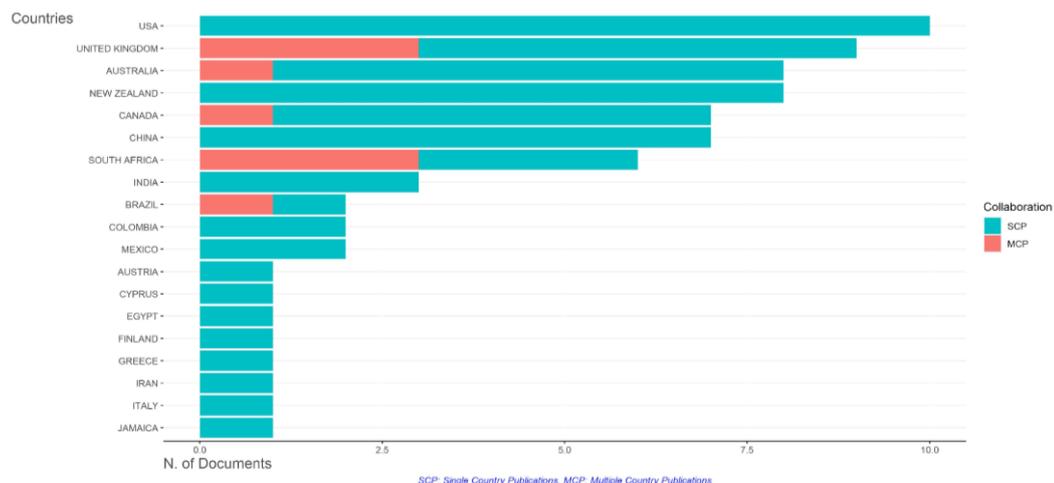
FIGURA 6 – Mapa de produção por país



Fonte: Autoras (2023)

Sobre os países dos autores (Figura 7), podemos verificar que o interesse pela temática de parcerias e inovação, ligados ao tema de conhecimento indígenas e comunidades tradicionais estão concentrados em autores dos Estados Unidos (10), Reino Unido (9), Austrália (8), Nova Zelândia (8), Canadá (7), China (7), África do Sul (6), Índia (3), Brasil (2), Colômbia (2), México (2). As siglas MCP e SCP significam “Multiple Countries Publication” e “Single Countries Publication”, pontuam se houve ou não colaboração com autores de outros países Reino Unido (3), Austrália (1), Canadá (1), África do Sul (3), Brasil (1).

FIGURA 7 - Países dos autores das publicações



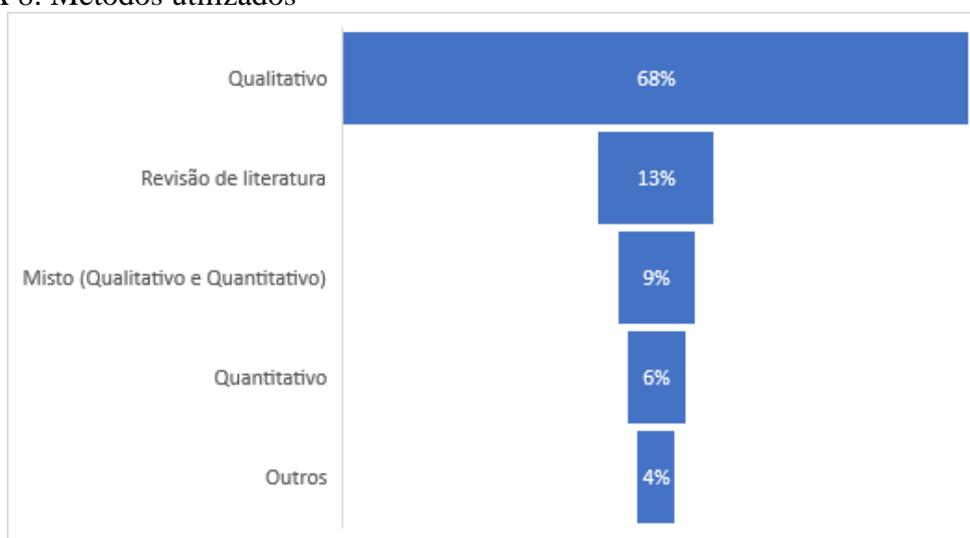
Fonte: Autoras (2023)

## 4.2 Análise Sistemática

### 4.2.1 Análise de indicadores das pesquisas avaliadas

A partir das leituras dos artigos, foi possível identificar os métodos de pesquisa utilizados e os tipos de parceiros com quem as comunidades se relacionam. Sobre os métodos utilizados pelos artigos selecionados (Figura 8), 68% são empíricos qualitativos, 13% são revisões de literatura, 9% utilizam método misto de análises qualitativas e quantitativas, 6% dos artigos utilizam métodos quantitativos e 3% utilizam outros métodos, como o de abordagem baseada em evidências.

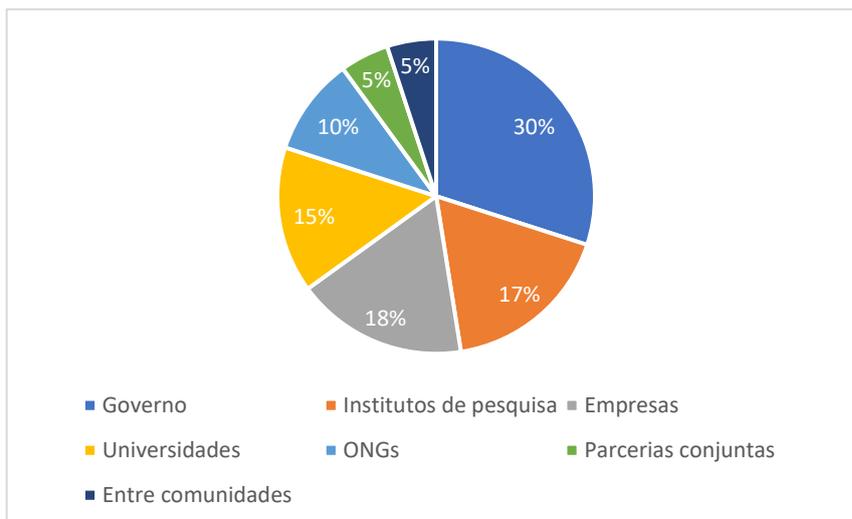
FIGURA 8: Métodos utilizados



Fonte: Autoras (2023)

Um outro aspecto que pode ser observado são as principais parcerias das comunidades (Figura 9) nos estudos avaliados. Observamos que elas são realizadas com governos (30%), com empresas (18%), com institutos de pesquisa (17%) e universidades (15%). As demais parcerias foram entre comunidades e ONGs (10%), entre comunidades distintas (5%) e parcerias conjuntas entre governo, ONGs e comunidades (5%).

FIGURA 9 – Principais parcerias



Fonte: Autoras (2023)

#### 4.2.2 Análise de conteúdo dos estudos avaliados

As capacidades permitem que organizações reconfigurem suas bases de recursos e se adaptem às mudanças nas condições do mercado para obter vantagem competitiva. Para que essas reconfigurações ocorram, ratificando a ideia de Cohen e Levinthal (1990) sobre a inovação, Tidd (2008) a atribuem ao aprendizado, considerando tanto o sentido de aquisição quanto o de exploração de conhecimento de modo estratégico, além da aquisição e reforço de padrões de comportamento que permitem a aprendizagem. Assim, as organizações teriam capacidade de gerar comportamentos inovadores, novos métodos de produção e novas formas de fazer as coisas dentro das empresas, a chamada capacidades de inovação (WANG; AHMED, 2007).

Por outro lado, a integração do conhecimento tradicional ou indígena na ciência ocidental, política e práticas de gestão está sendo considerada em várias jurisdições ao redor do mundo (HARMSWORTH; AWATERE, 2016; POULIOS, 2014). O conhecimento indígena integrado a outros conhecimentos ajuda a promover inovações sustentáveis a nível de sistemas socioecológicos (DAVIES, 2013; MORISHIGE, 2018), já que existe um amplo reconhecimento de que as bases desse conhecimento são componentes vitais da gestão ambiental, conservação da biodiversidade e sustentabilidade (GADGIL *et al.*, 1993; BERKES *et al.*, 1994; HECKENBERGER *et al.*, 2007; PRETTY *et al.*, 2009; MEMON; SHEERAN; RIRINUI, 2017).

As colaborações com as comunidades tradicionais permitem a capacidade de identificar, assimilar e explorar o conhecimento indígena, trazendo benefício para seus vários parceiros como universidades, organizações, agências governamentais, setor privado e ONGs, permitindo suas expansões de capacidades efetivas em aspectos socioambientais e em melhorias inovativas (MASON, 2012; DENG; LU, 2021; STACEY, 2015). Essa é a grande motivação para a criação e o desenvolvimento dessas “parcerias de conhecimento”, já que elas possuem impacto por meio de redes de aprendizado e soluções colaborativas para várias áreas (MORISHIGE *et al.*, 2018). A partir da análise de conteúdo da amostra deste estudo, foi feita uma categorização dessas áreas beneficiadas com as parcerias interorganizacionais com comunidades: gerenciamento de recursos ambientais, técnicas agrícolas e piscicultoras, programas de sustentabilidade, empreendedorismo e economia (Quadro 1).

QUADRO 1 – Áreas gerais de melhorias a partir da parceria de comunidades com demais organizações

| Áreas de Inovação                     | Definição   | Autores  |
|---------------------------------------|---|--|
| Gerenciamento de Recursos ambientais  | Parcerias criadas com as comunidades geram a aquisição de abordagens inovadoras no gerenciamento de recursos naturais, como: reestruturação de solo, mudanças climáticas, ameaças hídricas e reestruturação de estuários. | ENS E;FINLAYSON M;PREUSS K;JACKSON S;HOLCOMBE S, 2012; MORISHIGE K;ANDRADE P;PASCUA P;STEWART K;CADIZ E;KAPONO L;CHONG U, 2018; CHAPIN I;KNAPP C;BRINKMAN T;BRONEN R;COCHRAN P, 2016; SULTANA P;THOMPSON P;PAUDEL N;PARIYAR M;RAHMAN M, 2019; POSTIGO G, 2021; BETHEL M;BRAUD D;LAMBETH T;DARDAR D;FERGUSON-BOHNEE P, 2022; MORISHIGE K;ANDRADE P;PASCUA K;CADIZ E;KAPONO L;CHONG U, 2018; ZUMA-NETSHIUKHWI G;STIGTER K;WALKER S, 2013. ZVOBGO L ET AL.2022; WABNITZ C;NAYLOR R;SMITH N;TUQA A;SALTO J, 2023 |
| Técnicas Agrícolas e piscicultoras    | Parcerias criadas com as comunidades para a aquisição de conhecimento sobre plantações, espécies, manejo de solos, instrumentos utilizados, conservação e gestão marinha.   | HARMSWORTH G;AWATERE S;ROBB M, 2016; DAVIES J;HILL R;WALSH F;SANDFORD M;SMYTH D;HOLMES M, 2013; BARRERA-BASSOLS N;ZINCK J;VAN RE, 2009; AUSTIN B;VIGILANTE T;COWELL S;DUTTON I;DJANGHARA D;MANGOLOMARA S;PUERMORA B;BUNDAMURRA A;CLEMENT Z, 2017; STACEY N;KARAM J;JACKSON M;KENNETT R;WAGEY T, 2015; SUBBAS, 2006; MARETTI C ET AL 2019; CHAMBERLAIN W;ANSEEUW W, 2019;   |
| Programas de sustentabilidade         | Parcerias criadas com as comunidades para melhorias de práticas de desenvolvimento sustentável, conservação ambiental, gestão de resíduos, gestão social, gestão de recursos e governança.                                | DOUHTWAITE B;BEAULIEU N;LUNDY M;PETERS D, 2009; SANTOS R;FLORES N;COIMBRA JC;GUGELMIN S, 1997; Wytske Chamberlaina Ward Anseeuw, 2019; MEMON P;SHERAN B;RIRINUI T, 2003; ONWUEGBUZIE H;UGWUANYI I, 2016; KURU R;MARSH A;GANLEY B, 2021; CACHON J, 2019; TENGO M;BRONDIZIO E;ELMQVIST T;MALMER P;SPIERENBURG M, 2014; OYINLOLA M;WHITEHEAD T;ABUZEINAB A;ADEFILA A;AKINOLA Y;ANAFI F;FARUKH O;KANDAN K;KIM B;MOSUGU E, 2018; BARRETT P;KURIAN P;SIMMONDS N;CRETNEY R, 2019; POULIOS I, 2014.                  |
| Economia empreendedorismo comunitário | Parcerias com comunidades locais atingem mercados alternativos, utilizam saberes na construção de produtos, melhoram o desenvolvimento do turismo por meio de negócios indígenas; gera emprego e renda para a região.     | ATHAYDE S; SILVA-LUGO J; SCHMINK M; KAIABI A; HECKENBERGER M, 2017; ATHAYDE S; SILVA-LUGO J; SCHMINK M; KAIABI A; HECKENBERGER M, 2017.DAVIDSON-HUNT I; TURNER K; MEIS MA; ANDERSON R; DANA L, 2012; ARQUEIRO D, 2016; CARLISLE S; KUNC M; JONES E; TIFFIN S, 2013.CHAMBERLAIN W;ANSEEUW W, 2019; RAMOS-GARCIA J;VARGAS-CHANES D;TOLEDO-LOPEZ A, 2023  |

Fonte: Autoras (2023)

Várias dessas inovações geradas por parcerias junto a comunidades com conhecimento indígena têm potencial para resolver problemas contemporâneos e tendem a ser econômicas, ecológicas e sustentáveis. Isso porque costumam usar insumos de baixo custo e serem utilizadas por quem conhece bem o ecossistema no qual estão inseridas e como preservá-los, resultando em soluções mais econômicas e ambientalmente amigáveis (ONWUEGBUZIE; UGWUANYI, 2016). As comunidades tradicionais são importantes fontes de informação para questões específicas, auxiliam os processos de tomada de decisão e gestão de recursos naturais, aprimoram a compreensão da saúde ambiental nas políticas atuais, oferecendo as melhores perspectivas para outros conhecimentos de forma a promover a sustentabilidade em sistemas socioecológicos (SUALTANA *et al.*, 2019).

Existe um amplo reconhecimento de que os sistemas de conhecimento indígenas (CI) são componentes fundamentais para gestão ambiental, conservação da biodiversidade e sustentabilidade (MEMON; SHERAN; RIRINUI, 2003). O apoio institucional à inovação vinculada a colaboração de vários stakeholders com comunidades tradicionais que possuem o conhecimento indígena promovem o desenvolvimento de inúmeras áreas, complementando as práticas da ciência moderna de gestão ocidental para melhorias ambientais e sociais (CARLISLE; KUNC; JONES; TIFFIN, 2013). Há uma necessidade de obter fortes ligações entre os detentores de CI e os cientistas no novo milênio para explorar a relação entre os diferentes sistemas de conhecimento e troca de recursos (SUBBA; 2006). Cada vez mais, a ciência moderna está acompanhando o valor do conhecimento em pesquisa aplicada e uso de abordagens de mapeamento participativo (BETHEL *et al.*, 2022).

Para Stacy *et al.*, (2015) e Subba (2006), organizações como universidades, governos, empresas e institutos se beneficiam com essa relação de cooperação e colaboração, já que as abordagens de desenvolvimento sustentáveis vindas das comunidades tradicionais apresentam uma oportunidade de construir de maneira colaborativa uma gestão adaptativa de recursos baseada em valores indígenas, visão de mundo e conhecimento, ao mesmo tempo em que leva em consideração fatores sociais, culturais e ecológicos. (STACEY, *et al.*, 2015). Existe um potencial substancial para apoiar o desenvolvimento de parcerias equitativas de pesquisa a fim de unir sistemas de conhecimento e criar soluções baseadas em uma compreensão local dos fatores culturais, ambientais e sociais. (SULTANA *et al.*, 2019).

Os princípios de relacionamentos, parceria, confiança e respeito com os povos tradicionais podem orientar um bom processo colaborativo e orientar tomadas de decisões para inovação. As parcerias fornecem uma compreensão mais profunda dos valores, perspectivas e sistemas de conhecimento daquela região, levando a construção de capacidades multiculturais, auxiliando a melhoria nos processos colaborativos para alcançar os resultados desejados (HARMSWORTH; AWATERE, 2016; POULIOS, 2014). Havendo tratamento ético e justo no trabalho junto às comunidades, as parcerias resultam na construção de inúmeras inovações (LINNEROOTH-BAYER; MECHLER, 2007; BARRERA-BASSOLS, 2009; ATHAYDE, 2017).

Diante das análises em profundidade dos artigos, pode-se observar que os estudos propostos enfatizam a importância das organizações parceiras das comunidades em terem a habilidade de reconhecer o valor de informações externas frutos das parcerias, no caso o conhecimento indígena proveniente das comunidades, assimilá-los e aplicá-los para fins não só comerciais (COHEN; LEVINTHAL, 1990), mas também para fins sociais e ambientais. O contexto dinâmico no qual as organizações atuam levam-nas à permanente necessidade de se adaptar e desenvolver melhorias em seus processos (TEECE *et al.*, 1997). Para tanto, elas precisam estar atentas à identificação de oportunidades e captura de conhecimento externo, que atua como elemento gerador de inteligência ao viabilizar a adaptação e otimização (inovação) das atividades realizadas no contexto organizacional (LIAO; WELSCH; STOICA, 2003), social e ambiental. A criação de valor e o progresso das operações a partir do conhecimento indígena

estão atreladas à capacidade de absorção, tida como a habilidade da organização em adquirir, assimilar, transformar e explorar da melhor maneira possível esses conhecimentos (ZAHRA; GEORGE, 2002).

A inovação proveniente da articulação do conhecimento ocidental junto ao conhecimento indígena são fatores-chave para aumentar a resiliência do conhecimento. As implicações destas iniciativas em conjunto ampliam a compreensão das interseções entre saberes tradicionais e ciência em direção a um futuro sustentável, sendo também benéficas para as comunidades (ATHAYDE *et al.*, 2017). A análise sistematizada da literatura realizada neste estudo mostra que a grande maioria dos artigos da amostra apontam os benefícios para as organizações parceiras das comunidades. Apesar de existirem estudos como o de Athayde *et al.* (2017), apenas 4 artigos dos 49 analisados em profundidade abordaram os benefícios diretos que essas parcerias poderiam trazer, fruto da aquisição de conhecimento externo, sob a ótica de comunidades:

Apesar de já possuírem o domínio do conhecimento indígena, o desenvolvimento dessas parcerias pode ser benéfico para as comunidades tradicionais. A capacidade de absorver o conhecimento externo ocidental gera aprendizado em questões agroecológicas como: novas técnicas de manejo dos recursos naturais, sazonalidade, práticas de coleta e colheita, exploração em vários locais, técnicas de rotação de terra (BARRERA-BASSOLS, 2009; CHAMBERLAIN, 2019) e transferência de diversos tipos de tecnologia (AUGUST, 2002).

Estudos como Athayde *et al.* (2017), apresentam como oportunidade para as comunidades tradicionais, as parcerias estratégicas para promoção da inovação pautadas em valores culturais. Essas inovações auxiliam as comunidades a se tornarem melhores em antecipar, responder a tensões e abraçar oportunidades oferecidas, como por exemplo, novas tecnologias ou novos tipos de artefatos (uma máquina, uma semente, um banco de dados), apresentando uma colaboração adaptativa de recursos baseada em valores indígenas, visão de mundo e conhecimento, ao mesmo tempo em que leva em consideração fatores sociais, culturais e ecológicos.

## 5. CONCLUSÃO E CONTRIBUIÇÕES

Este artigo mostra uma análise de revisão sistemática da literatura que envolve as áreas de pesquisa sobre parcerias para inovação e comunidades tradicionais. O intuito é compreender, a partir do conhecimento existente, como as parcerias para inovação entre organizações e comunidades tradicionais geram capacidades.

A partir da análise bibliométrica realizada, foi observado que a integração dessas áreas de conhecimento ainda não é estudada por densas redes de pesquisa e que existe uma escassez de publicações envolvendo comunidades tradicionais como objeto de estudo para as áreas de ciências sociais aplicadas, o que mostra a oportunidade de novas pesquisas. Essa escassez é particularmente observada nos periódicos de negócios, tradicionalmente os que publicam sobre parcerias para inovação e geração de capacidades.

Os resultados da revisão de literatura mostraram duas diferentes conclusões. Primeiro, as parcerias colaborativas com comunidades proporcionam inovações para diversas organizações em diferentes áreas a partir da capacidade de absorção dos conhecimentos indígenas; segundo, essas parcerias também podem gerar capacidades de inovações tecnológicas e de processos para as comunidades. A partir desses resultados, confirma-se a proposição de pesquisa, parcerias para inovação com comunidades tradicionais geram desenvolvimento de capacidades.

Portanto os achados deste estudo mostram que parcerias com comunidades tradicionais podem ser benéficas para inovação, especialmente a ambiental e social. Isso porque foi possível observar que as comunidades baseadas em práticas e conhecimentos tradicionais se mostram

organizações comprometidas de fato com sustentabilidade ambiental e social já que dependem delas para a sua existência. No entanto, é relevante saber se a busca pela sustentabilidade econômica, ou seja, por meios de geração de renda sustentáveis, comprometem ou não os outros dois prismas da sustentabilidade. Isso indica necessidade de novas pesquisas na área.

No entanto, há algumas limitações desta pesquisa que devem ser consideradas. Além do número pequeno de artigos escritos na área, existe uma escassez nos estudos das parcerias para inovação sob a ótica das comunidades, dificultando uma ampla abordagem do entendimento das capacidades e benefícios gerados para elas, o que impossibilita análises mais elaboradas. Assim, sugere-se que trabalhos futuros possam entender como as comunidades tradicionais são capazes de desenvolver capacidades de inovação a partir das parcerias, absorver conhecimentos relevantes de fontes externas e aplicar de diferentes formas, mediante estratégias de inovação e desenvolvimento.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBING, Erik Roscam. Brand driven innovation: Strategies for development and design. Ava publishing, 2010.
- AMIN, Ash; WILKINSON, Frank. Learning, proximity and industrial performance: an introduction. *Cambridge Journal of Economics*, v. 23, n. 2, p. 121-125, 1999.
- ATHAYDE, Simone et al. Reconnecting art and science for sustainability: learning from indigenous knowledge through participatory action-research in the Amazon. *Ecology and Society*, 2017.
- AUGUST, Geri. Context, co-presence and compossibilities: bioprospecting between endogenous knowledge and science in South Africa. *International Journal of Biotechnology*, v. 4, n. 2-3, p. 239-265, 2002.
- AUSTIN, B. J. et al. An Indigenous-led approach for regional knowledge partnerships in the Kimberley region of Australia. *Human Ecology*, v. 47, p. 577-588, 2019.
- BARRERA-BASSOLS, Narciso; ZINCK, J. A.; VAN RANST, Eric. Participatory soil survey: experience in working with a Mesoamerican indigenous community. *Soil use and Management*, v. 25, n. 1, p. 43-56, 2009.
- BARRETT, Patrick et al. Community participation in the development of the Ōngātoro/Maketū Estuary project: The socio-ecological dimensions of restoring an interconnected ecosystem. *Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems*, v. 29, n. 9, p. 1547-1560, 2019.
- BAUM, Marcos Sebastião. Serviços Compartilhados-Uma Abordagem Para a Redução das Despesas Administrativas. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*. 2002.
- BECKMAN, Christine M.; HAUNSCHILD, Pamela R.; PHILLIPS, Damon J. Friends or strangers? Firm-specific uncertainty, market uncertainty, and network partner selection. *Organization science*, v. 15, n. 3, p. 259-275, 2004.
- BETHEL, Matthew B. et al. Mapping risk factors to climate change impacts using traditional ecological knowledge to support adaptation planning with a Native American Tribe in Louisiana. *Journal of Environmental Management*, v. 301, p. 113801, 2022.
- BOLIS, Ivan; SIGAHI, Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti. Inclusão de cooperativas na cadeia de suprimentos de uma grande empresa: um estudo de caso na região Amazônica. 2020.
- CAPALDO, Antonio; PETRUZZELLI, Antonio Messeni. In search of alliance-level relational capabilities: Balancing innovation value creation and appropriability in R&D alliances. *Scandinavian journal of management*, v. 27, n. 3, p. 273-286, 2011.
- CARLISLE, Sheena et al. Supporting innovation for tourism development through multi-stakeholder approaches: Experiences from Africa. *Tourism management*, v. 35, p. 59-69, 2013.
- CHAMBERLAIN, Wytske; ANSEEUW, Ward. Inclusive businesses in agriculture: Defining the concept and its complex and evolving partnership structures in the field. *Land use policy*, v. 83, p. 308-322, 2019.

CHAPIN III, F. Stuart et al. Community-empowered adaptation for self-reliance. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, v. 19, p. 67-75, 2016.

COHEN, Wesley M.; LEVINTHAL, Daniel A. Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. *Administrative science quarterly*, p. 128-152, 1990.

DAVIDSON-HUNT, Iain J.; TURNER, Katherine L. Indigenous communities, the bioeconomy and natural resource development. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, v. 6, n. 3, 2012.

DAVIES, Jocelyn et al. Innovation in management plans for community conserved areas: experiences from Australian indigenous protected areas. *Ecology and Society*, v. 18, n. 2, 2013

DENG, Ping; LU, Hao. Transnational knowledge transfer or indigenous knowledge transfer: which channel has more benefits for China's high-tech enterprises?. *European Journal of Innovation Management*, 2021.

DODGSON, Mark. The strategic management of technology and innovation. In: *Oxford Research Encyclopedia of Business and Management*. 2021.

DOUHWAITE, Boru et al. Understanding how participatory approaches foster innovation. *International Journal of Agricultural Sustainability*, v. 7, n. 1, p. 42-60, 2009.

DYER, Jeffrey H.; HATCH, Nile W. Relation-specific capabilities and barriers to knowledge transfers: creating advantage through network relationships. *Strategic management journal*, v. 27, n. 8, p. 701-719, 2006.

EMDEN, Zeynep; CALANTONE, Roger J.; DROGE, Cornelia. Collaborating for new product development: selecting the partner with maximum potential to create value. *Journal of product innovation management*, v. 23, n. 4, p. 330-341, 2006

ENS, Emilie J. et al. Australian approaches for managing 'country' using Indigenous and non-Indigenous knowledge. *Ecological Management & Restoration*, v. 13, n. 1, p. 100-107, 2012.

FAEMS, Dries; VAN LOOY, Bart; DEBACKERE, Koenraad. Interorganizational collaboration and innovation: Toward a portfolio approach. *Journal of product innovation management*, v. 22, n. 3, p. 238-250, 2005.

FARIA, Sheila de Castro. Identidade e comunidade escrava: um ensaio. *Tempo*, v. 11, p. 122-146, 2007.

FRANCESCHELLI, Maria Vittoria; SANTORO, Gabriele; CANDELO, Elena. Business model innovation for sustainability: a food start-up case study. *British Food Journal*, v. 120, n. 10, p. 2483-2494, 2018.

FRANCO, Chiara; LANDINI, Fabio. Organizational drivers of innovation: The role of workforce agility. *Research Policy*, v. 51, n. 2, p. 104423, 2022.

FRIEDMAN, T.L. (2005), *The World is Flat: A Brief History of the Twenty-first Century*, Farrar, Straus and Giroux, New York, NY.

GADGIL, Madhav; BERKES, Fikret; FOLKE, Carl. Indigenous knowledge for biodiversity conservation. *Ambio*, p. 151-156, 1993.

GUEDES, V. LS; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. *Encontro Nacional de Ciência da Informação*, v. 6, n. 1, 2005.

HARGREAVES, Tom; NYE, Michael; BURGESS, Jacquelin. Social experiments in sustainable consumption: an evidence-based approach with potential for engaging low-income communities. *Local Environment*, v. 13, n. 8, p. 743-758, 2008.

HARMSWORTH, Garth; AWATERE, Shaun; ROBB, Mahuru. Indigenous Māori values and perspectives to inform freshwater management in Aotearoa-New Zealand. *Ecology and Society*, v. 21, n. 4, 2016.

HECKENBERGER, Michael J. et al. The legacy of cultural landscapes in the Brazilian Amazon: implications for biodiversity. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 362, n. 1478, p. 197-208, 2007.

KRAUS, Sascha; BREIER, Matthias; DASÍ-RODRÍGUEZ, Sonia. The art of crafting a systematic literature review in entrepreneurship research. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 16, p. 1023-1042, 2020.

KUMAR, Rajesh; NTI, Kofi O. Differential learning and interaction in alliance dynamics: A process and outcome discrepancy model. *Organization science*, v. 9, n. 3, p. 356-367, 1998.

KURU, Rose; MARSH, Alby; GANLEY, Beccy. Elevating and recognising knowledge of Indigenous peoples to improve forest biosecurity. *Frontiers in Forests and Global Change*, v. 4, p. 719106, 2021.

LAWSON, Benn; SAMSON, Danny. Developing innovation capability in organisations: a dynamic capabilities approach. *International journal of innovation management*, v. 5, n. 03, p. 377-400, 2001.

LEE, Sang M.; OLSON, David L.; TRIMI, Silvana. Co-innovation: convergenomics, collaboration, and co-creation for organizational values. *Management decision*, 2012.

LIAO, Jianwen; WELSCH, Harold; STOICA, Michael. Organizational absorptive capacity and responsiveness: An empirical investigation of growth-oriented SMEs. *Entrepreneurship Theory and practice*, v. 28, n. 1, p. 63-86, 2003.

LINNEROOTH-BAYER, Joanne; MECHLER, Reinhard. Disaster safety nets for developing countries: Extending public—private partnerships. *Environmental Hazards*, v. 7, n. 1, p. 54-61, 2007.

MAKADOK, Richard. Toward a synthesis of the resource-based and dynamic-capability views of rent creation. *Strategic management journal*, v. 22, n. 5, p. 387-401, 2001.

MASON, Winter; SURI, Siddharth. Conducting behavioral research on Amazon’s Mechanical Turk. *Behavior research methods*, v. 44, n. 1, p. 1-23, 2012.

MCGOWAN, Katharine et al. Decolonization, social innovation and rigidity in higher education. *Social Enterprise Journal*, v. 16, n. 3, p. 299-316, 2020.

MEMON, P. A.; SHEERAN, B.; RIRINUI, T. Strategies for rebuilding closer links between local indigenous communities and their customary fisheries in Aotearoa/New Zealand. *Local Environment*, v. 8, n. 2, p. 205-219, 2003.

MISHRA, Anant A.; SHAH, Rachna. In union lies strength: Collaborative competence in new product development and its performance effects. *Journal of Operations Management*, v. 27, n. 4, p. 324-338, 2009.

MORISHIGE, Kanoe‘ulalani et al. Nā Kilo ‘Āina: Visions of biocultural restoration through indigenous relationships between people and place. *Sustainability*, v. 10, n. 10, p. 3368, 2018.

ODS/ONU: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas em Brasil*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

OLAVE, Maria Elena León; AMATO NETO, João. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. *Gestão & Produção*, v. 8, p. 289-318, 2001.

ONWUEGBUZIE, Henrietta; UGWUANYI, Ijeoma. Doing good is good business: Embedding ethics in teaching entrepreneurship and business venturing. *Teaching Ethics Across the Management Curriculum*, v. 3, 2016.

OYINLOLA, Muyiwa et al. Bottle house: A case study of transdisciplinary research for tackling global challenges. *Habitat International*, v. 79, p. 18-29, 2018.

POULIOS, Ioannis. Discussing strategy in heritage conservation: living heritage approach as an example of strategic innovation. *Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development*, 2014.

PRETTY, Jules N.; WILLIAMS, Stella; TOULMIN, Camilla. Sustainable intensification: increasing productivity in African food and agricultural systems. Routledge, 2012.

RAJAPATHIRANA, RP Jayani; HUI, Yan. Relationship between innovation capability, innovation type, and firm performance. *Journal of Innovation & Knowledge*, v. 3, n. 1, p. 44-55, 2018.

RAO, Siriginidi Subba. Indigenous knowledge organization: An Indian scenario. *International Journal of Information Management*, v. 26, n. 3, p. 224-233, 2006.

RINDFLEISCH, Aric; MOORMAN, Christine. The acquisition and utilization of information in new product alliances: A strength-of-ties perspective. *Journal of marketing*, v. 65, n. 2, p. 1-18, 2001.

SOBRERO, Maurizio; ROBERTS, Edward B. Strategic management of supplier–manufacturer relations in new product development. *Research policy*, v. 31, n. 1, p. 159-182, 2002.

STACEY, Natasha et al. Knowledge exchange as a tool for transboundary and coastal management of the Arafura and Timor Seas. *Ocean & coastal management*, v. 114, p. 151-163, 2015.

SUBBA, Chaitanya et al. A study on the socio-economic status of indigenous peoples in Nepal. Kathmandu: Lawyer’s Association for Human Rights of Nepalese Indigenous Peoples (LAHURNIP), 2014.

SULTANA, Parvin et al. Transforming local natural resource conflicts to cooperation in a changing climate: Bangladesh and Nepal lessons. *Climate Policy*, v. 19, n. sup1, p. S94-S106, 2019.

TEECE, David J.; PISANO, Gary; SHUEN, Amy. Dynamic capabilities and strategic management. *Strategic management journal*, v. 18, n. 7, p. 509-533, 1997.

TENGÖ, Maria et al. Connecting diverse knowledge systems for enhanced ecosystem governance: the multiple evidence base approach. *Ambio*, v. 43, p. 579-591, 2014.

TIDD, Bessant. Pavitt.(2008). *Administração Gestão da Inovação*.

TRANFIELD, David; DENYER, David; SMART, Palminder. Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British journal of management*, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003.

UN, C. Annique; CUERVO-CAZURRA, Alvaro; ASAKAWA, Kazuhiro. R&D collaborations and product innovation. *Journal of Product Innovation Management*, v. 27, n. 5, p. 673-689, 2010.

WANG, Catherine L.; AHMED, Pervaiz K. Dynamic capabilities: A review and research agenda. *International journal of management reviews*, v. 9, n. 1, p. 31-51, 2007.

WARREN, D. Michael et al. Indigenous knowledge, biodiversity conservation and development. In: *Keynote address for the international conference on Conservation of biodiversity in Africa: Local initiatives and institutional roles*. Nairobi: National Museums of Kenya. 1992.

WHITLEY, Richard. Developing innovative competences: the role of institutional frameworks. *Industrial and Corporate Change*, v. 11, n. 3, p. 497-528, 2002.

ZAHRA, Shaker A.; GEORGE, Gerard. The net-enabled business innovation cycle and the evolution of dynamic capabilities. *Information systems research*, v. 13, n. 2, p. 147-150, 2002.

ZAWISLAK, Paulo Antônio et al. Innovation capability: From technology development to transaction capability. *Journal of technology management & innovation*, v. 7, n. 2, p. 14-27, 2012.

ZENT, Stanford. A genealogy of scientific representations of indigenous knowledge. *Landscape, process, and power: Re-evaluating traditional environmental knowledge*. *Studies in environmental anthropology and ethnobiology*, p. 19-67, 2009.

ZUMA-NETSHIUKHWI, Gugulethu; STIGTER, Kees; WALKER, Sue. Use of traditional weather/climate knowledge by farmers in the South-western Free State of South Africa: Agrometeorological learning by scientists. *Atmosphere*, v. 4, n. 4, p. 383-410, 2013.